

Editorial

Após trinta anos como docente, cada vez me convenço mais de que o compartilhamento de reflexões e de experiências, como uma forma de educação contínua, é fundamental para que se possam construir melhores alternativas para a educação. Embora nós, docentes, sejamos muitas vezes resistentes às trocas genuínas de experiências, com a abertura de nossas salas de aula para o recebimento de colegas, vejo essa situação com bons olhos e costumo insistir para que os docentes possam visitar as salas de aula de colegas para aprender, para dar sugestões, para buscar alternativas sobre o que fazer ou não fazer. Relatos de boas práticas são enriquecedores para nosso trabalho docente e, por isso, considero que devem ser incentivados.

Há alguns anos atuando como avaliadora de textos para esta publicação, sinto-me muito honrada por ler em primeira mão material que revela a paixão de seus autores pela Educação de Jovens e Adultos. O fio condutor dos textos e relatos é o compartilhamento de reflexões e experiências, o que está de acordo com o diálogo proposto por Freire, que é o autor que embasa, se não todos, quase todos os textos e relatos. Todos eles apresentam

contribuições específicas e merecem ser lidos com a mesma paixão com a qual foram escritos. Faço uma pequena apresentação, esperando fazer jus à sua qualidade:

Percepções docentes sobre as relações de gênero, os processos de escolarização e a formação docente na EJA resulta de síntese entre duas monografias que se complementam e que revelam dados obtidos por meio de questionários com 42 docentes da EJA, em sua maioria, mulheres. Se, por um lado, os docentes se preocupam em não apontar relações de poder entre gênero; por outro, percebe-se a forte presença de normatizações estabelecidas por meio de construções sociais que discriminam homens e mulheres. Os dados permitem estabelecer relações relevantes, entre as quais a relação entre as questões de gênero e a presença ou a ausência de homens e de mulheres nas salas de aula da EJA.

Em *A comunidade vai à escola de EJA: fazer o quê?*, os autores tentam, por meio de uma pesquisa realizada no interior da Bahia, identificar os motivos que levaram jovens e adultos a abandonar a escola e depois retornar a ela, na modalidade EJA. Ao mostrar que os sujeitos voltam à escola por conta de exigências do mundo do trabalho, em busca de qualificação profissional – pela necessidade de

ascensão social e pela busca do pleno exercício da cidadania –, os dados fazem pensar sobre as funções da escola.

Em *A leitura literária em diferentes espaços sociais: um olhar sobre a formação do leitor na Educação de Jovens e Adultos*, a autora traz o relato de dados coletados, por meio de rodas de conversa semanais, por estudantes de Letras, em projeto de extensão que faz parte do Núcleo de Educação de Adultos (NEAd) da Universidade Federal de Viçosa. Por meio do projeto, foi avaliada a relevância da prática de leitura de textos literários com estudantes da EJA, para a formação de sujeitos autônomos, dotados de consciência crítica e política.

Os autores de *Práticas culturais no livro didático da EJA: a TV como limitação do conhecimento* apresentam um recorte de pesquisa de Iniciação Científica, que é parte integrante dos estudos realizados pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica. Por meio de uma pesquisa realizada na Rede Municipal de Educação de Maceió, os autores procuram analisar como os livros didáticos destinados à EJA tratam das práticas culturais. Os dados evidenciam, entre outras coisas, a influência da televisão, como instrumento de comunicação de massa, e o fato de

as práticas culturais apresentadas nos livros didáticos utilizados pela rede não priorizarem os sujeitos da EJA como produtores de cultura.

Tomando-se como pressuposto que um dos princípios do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) é a relação entre educação e trabalho, em *Perfil do egresso do curso de hospedagem da modalidade PROEJA no IFAL: conhecendo a realidade dos técnicos ao término da formação* – por meio do uso de entrevistas semiestruturadas, realizadas com egressos do Curso Técnico em Hospedagem, do PROEJA/IFAL do Câmpus Marechal Deodoro –, os autores objetivam conhecer a realidade desses alunos, a partir do que pensam sobre o curso e do quanto suas trajetórias profissionais foram marcadas por essa formação.

Passemos agora aos cinco relatos de experiência. No primeiro deles, *Uma prática freiriana na Educação de Jovens e Adultos, em Nazaré Paulista*, a autora, que atuou como Coordenadora de EJA no ano de 2013, relata a implementação de uma proposta baseada nos princípios de Paulo Freire na EJA, em Nazaré Paulista (SP). Descreve as etapas de implementação, que vão desde a construção de materiais para as práticas pedagógicas, até a

elaboração de atividades que possam auxiliar na construção do pensamento criativo, reflexivo e consciente.

Em *A análise da documentação de sujeitos da EJA como possibilidade de garantia do direito à educação*, a autora relata situações concretas de verificação de documentação da EJA com as quais se deparam supervisoras escolares na Prefeitura de Guarulhos, em São Paulo. O relato busca mostrar como essa prática pode colaborar com o acesso, a permanência e o sucesso de jovens e adultos na escola.

Reconhecendo que o Fórum de Educação de Jovens e Adultos, enquanto movimento social, vem se constituindo como um *locus* de debate, diálogo e acompanhamento das políticas de EJA em nível nacional, regional e estadual, as autoras de *O Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Espírito Santo: experiência forjada na formação e nas práticas de resistência* evidenciam a importância desse espaço na proposição e definição de novos rumos para a EJA.

Considerando-se que, embora as tecnologias sejam utilizadas no cotidiano, muitas vezes, os docentes não sabem como usá-las em suas práticas pedagógicas. Em *Plataformas e interfaces online: uma experiência formativa com professores pesquisadores da Educação de Jovens e*

Adultos, os autores relatam uma experiência formativa com professores pesquisadores da EJA, durante a realização de um minicurso intitulado “Incursões de pesquisa *online* na EJA: plataformas e gerenciamento informatizado de referências”, no II Encontro Internacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos, que ocorreu em Salvador (BA), em novembro de 2015. Segundo os autores, a tecnologia não deve ser encarada como uma concorrente à prática docente, mas como uma aliada que está disponível para auxiliar no trabalho pedagógico. A partir do minicurso, os participantes decidiram criar uma rede de interação colaborativa.

Em *formação e alfabetização: programa alfabilíngue para os povos da Amazônia*, as autoras relatam o trabalho desenvolvido por uma delas que, de 2003 a 2010, foi coordenadora do Programa de Letramento Reescrevendo o Futuro. O relato envolve a prática de formação de alfabetizadores e coordenadores de turmas bilíngues de diversas etnias no estado do Amazonas. Após a apresentação da proposta de formação dos alfabetizadores e coordenadores, é relatada a experiência de alfabetização em língua materna, vivida com um grupo omágua/kambeba, residente na cidade de Manaus.

Todos os textos e relatos têm como objetivo principal colocar a EJA em Debate, o que, sem dúvida, é atingido. Tenho a profunda convicção de que esta edição da revista traz uma valiosa contribuição para o debate de questões envolvendo a educação em geral e, de forma mais específica, a Educação de Jovens e Adultos.

Tania Beatriz Iwaszko Marques
Professora da Faculdade de Educação da UFRGS